RELATÓRIO ESPECIAL

# A população latina nos Estados Unidos: um "gigante adormecido?"

Madrid, abril 2015

d+i desenvolvendo ideias
LLORENTE & CUENCA

1. INTRODUÇÃO
2. PERFIL DEMOGRÁFICO DO “GIGANTE” LATINO
3. O PODER DA COMUNIDADE LATINA EM SUA CONDIÇÃO DE CONSUMIDORES E ELEITORES
4. CONCLUSÃO: A LATINO-AMERICANIZAÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS

LLORENTE & CUENCA

## 1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste relatório é tentar caracterizar a comunidade latina, analisar seu peso e capacidade de influência econômica, política e social, assim como suas contribuições à sociedade americana.

O último censo dos Estados Unidos, divulgado em 2010, considera a origem 'hispânica ou latina' como a herança cultural, nacionalidade, linhagem ou país de nascimento da pessoa ou dos pais ou ancestrais desta pessoa antes de sua chegada aos Estados Unidos. As pessoas que identificam sua origem como hispânica, latina ou espanhola podem ser de qualquer raça. O "hispânico ou latino" se refere a uma pessoa cubana, mexicana, porto-riquenha, centro ou sul-americana, ou seja, de outra origem ou cultura espanhola, independentemente da raça[1].

Seu extraordinário crescimento, muito particularmente desde 1970, transformou a "cara" dos Estados Unidos, já que sua presença como minoria majoritária reformula o perfil étnico e cultural do país, tradicionalmente considerado branco-europeu. Se bem que a projeção de futuro dos latinos leva a supor que as mudanças transcenderão além da aparência física do país, já que se prevê que atinjam consideráveis parcelas de poder econômico e político em não muitos anos. No entanto, para entender o potencial presente e o futuro latino, convém desprezar certos estereótipos que reproduzem uma ideia simplificada, que não corresponde à realidade da comunidade latina e que não está isenta de preconceitos. Sua caracterização evidenciará sua diversidade tanto em sua configuração demográfica, social como política. Com isso, se compreenderá melhor a contribuição atual que ela dá à sociedade americana e suas extraordinárias potencialidades.

Uma das generalizações mais comuns é supor que tal comunidade é homogênea. A sociedade americana desconhece as diferenças existentes entre as diversas nacionalidades, suas tradições e culturas. Diferenças que insistem em apontar não só os imigrantes recém-chegados, como inclusive as segundas e terceiras gerações residentes nos Estados Unidos. No entanto, essa diversidade não se limita às diferentes nacionalidades e a suas respectivas tradições, mas à existência de todo um universo social que abrange desde grandes fortunas, classes média-alta e média até setores imersos na pobreza. Na maioria dos casos, as diferenças sociais estão relacionadas com a formação acadêmica, que também em boa parte explica esta diversificação na estratificação econômica e social. No entanto, para a sociedade americana, toda esta diversidade fica reduzida à categoria de latino, iden-

[1] http://www.census.gov/prod/cen2010/briefs/c2010br-04sp.pdf.

“Longe de estar adormecida, esta população está desperta e muito ativa”

tificada como uma população que fala espanhol e compartilha o catolicismo como religião. No máximo o latino é identificado como mexicano que trabalha no setor de serviços nos postos profissionais menos qualificados.

Nesta linha de estereotipações, conviria se ater aos termos com os quais reiteradamente esta comunidade é classificada. É muito comum tanto na imprensa como em artigos acadêmicos considerá-la como um "gigante adormecido". No que diz respeito ao tamanho da comunidade, é acertado qualificá-la como gigante, mas este termo também deve ser utilizado para classificar seu potencial. Desde 2002, os latinos são a maior minoria existente nos Estados Unidos. Seu número chega, segundo o censo de 2010, a 54 milhões de pessoas. Além de espetacular, tal crescimento foi extraordinariamente rápido, pois na realidade foi em 1970 que começou um grande fluxo de emigração que, a partir de então, passou a crescer exponencialmente.

Mais questionável é a qualificação de "adormecido", utilizada para expressar a pouca participação política desta comunidade, como votante e eleitor, em relação ao universo eleitoral que possui. O uso do direito a voto, sem dúvida, lhe proporcionaria muito mais possibilidades de pressão e poder. No entanto, até sendo certo, tudo indica que é uma questão de tempo que vai se resolver com o processo de integração que acontecerá em termos de formação e promoção social de seus membros. No entanto, isso não significa que não haja uma espessa rede de organizações e ativismo social e político que represente as principais reivindicações dos emigrantes recém-chegados, legais e ilegais, e dos latinos nascidos nos Estados Unidos. Igualmente, há que se ter em conta que estas dimensões proporcionam aos latinos um peso específico, como eleitores, embora nem todo o eleitorado utilize seu direito ao voto, além do de clientes e consumidores. Com isso, há muito tempo eles não só se transformaram no "objeto de desejo" dos partidos políticos, como também de várias empresas. De modo que, longe de estar adormecida, esta população está desperta e muito ativa.

O poder que sua condição de consumidores e eleitores lhes outorga gera uma dinâmica de interesse que favorece a recriação permanente da comunidade latina e do espanhol. O esforço de empresários e políticos para atrair este imenso grupo não faz mais a não ser dar visibilidade aos latinos e sua singularidade, assim como sua língua, além da vontade que estes têm de fazê-lo. Este é um efeito não desejado por alguns setores, que seriam partidários de assimilar a população imigrante. Uma possibilidade que cada vez parece mais distante, embora as políticas de bilinguismo estatais deixem muito a desejar.

De modo que tanto as iniciativas da comunidade latina como os interesses da própria sociedade

"Esta transformação da estrutura da população estrangeira é radical"

americana, longe de ofuscar a particularidade latina, a fortalece e lhe dá continuidade, aumentando assim sua projeção.

## 2. PERFIL DEMOGRÁFICO DO "GIGANTE" LATINO

O censo de 2010 constatou um aumento na população hispânica de 15,2 milhões entre 2000 e 2010, representando mais da metade dos 27,3 milhões de aumento da população total dos Estados Unidos. Isso significa um aumento da população hispânica em 43%, ou quatro vezes o crescimento do país, de 9.7%[2]. Este crescimento demográfico não tem precedente na história dos Estados Unidos, e parece que sua projeção futura é igualmente grande, já que, se em 2010, segundo os números, ela chegou a representar mais de 16% da população total, para 2020 se prevê que atinja 21%.

A origem de sua presença sob este crescimento espetacular se explica fundamentalmente pela mudança decisiva de política migratória que aconteceu em 1970, quando os imigrantes não somavam mais de 5%[3]. A partir de então, graças às novas medidas adotadas, muito menos restritivas, não só é possível uma autêntica revolução demográfica do ponto de vista quantitativo, mas uma transformação na procedência dos imigrantes, pois se permite a entrada de um numeroso fluxo procedente de América Latina e Ásia até o ponto de modificar a estrutura étnica do país.

Esta transformação da estrutura da população estrangeira é radical e ocorre em pouco tempo. A taxa de europeus cai de 75%, em 1960, para 15%, em 2000, somando 4,4 milhões frente aos 7,3 milhões anteriores. E embora os asiáticos também tenham aumentado em número e representem –com 7,2 milhões– um quarto do total, a maioria é de origem latina. A China, maior país da Ásia e segunda colocada na lista de nacionalidades presentes nos EUA, tem 1,4 milhão, seis vezes a menos que o México, que tem a maior fatia. É preciso voltar ao censo de 1890 –quando 30% dos imigrantes procediam da Alemanha– para encontrar um índice tão elevado de uma nacionalidade.

No entanto, as fontes oficiais que contabilizam a população latina não incluem a que vive e trabalha ilegalmente em cada estado. O Pew Reseach Center calculou que, em 2011, havia no país 11,2 milhões de imigrantes ilegais, número que representava 3,5% da população de todo o país. Deles, a maioria é de mexicanos, constituindo cerca da metade dos imigrantes ilegais no país. A principal característica desta população é que embora repre-

[2] http://www.census.gov/prod/cen2010/briefs/c2010br-04.pdf.

[3] Neste sentido, foi decisiva a revogação das Leis das *Orígens Nacionais*, vigentes desde o início do século XX. Estas leis estabeleciam um sistema de cotas por nacionalidades que favorecia os países ocidentais e limitava a imigração.

"Os brancos não hispânicos se transformaram na nova minoria nas 100 maiores cidades do país"

sentem 3,5% da população dos Estados Unidos, respondem por 5,1% de sua força de trabalho.

No entanto, em 2012 se confirma uma tendência que vinha de anos atrás, a diminuição da imigração ilegal depois de mais de uma década. Há vários fatores que explicam esta tendência e que confluem ao mesmo tempo. Para entender o cenário, é preciso levar em conta a crise da economia americana. Desde 2009, ao contrário do momento de prosperidade na região, o aumento das medidas de segurança na fronteira americana e o próprio envelhecimento da população mexicana.

Apesar de tudo, e ainda levando em conta esta queda, ao se somar toda a população hispânica mundial, os Estados Unidos são a segunda maior comunidade, atrás apenas do México.

Se toda esta população torna previsível a importância deste grupo em anos vindouros, contemplando, além disso, a juventude e a elevada natalidade desta população, fica assegurado, além de novos fluxos migratórios, o crescimento regular por muitos anos mais. Tanto que, na Califórnia, desde a década de 90, é a natalidade que garante o crescimento da população latina, não os fluxos migratórios. Igualmente interessante é o fato de que, em determinadas localidades, os latinos tenham deixado de ser a minoria, há anos, e tenham superado a população branca não hispânica. De fato, segundo um estudo do Brookings Institution (2001), os brancos não hispânicos se transformaram na nova minoria nas 100 maiores cidades do país. De 52% em 1990, caíram para 44% em 2000.

## DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Em 2010, 37,6 milhões ou 75% dos hispânicos viviam nos oito estados com população hispânica de um milhão de pessoas ou mais (Califórnia, Texas, Flórida, Nova York, Illinois, Arizona, Nova Jersey e Colorado). Em relação aos principais estados, as porcentagens eram consideráveis. Na Califórnia, com 14 milhões, eles representavam 28% do total da população hispânica nos EUA. No Texas, eram 9,5 milhões (19%), e na Flórida, 4,2 milhões (8%). Sua presença em algumas regiões metropolitanas também é destacável, como em Nova York e Chicago.

No entanto, na última década, além das áreas tradicionais onde estão localizados os latinos, também é possível constatar sua expansão pelo resto do país. A população hispânica aumentou nos 50 estados.

Não pode deixar de ser contabilizada, apesar das dificuldades, a população ilegal. Também se concentra em determinados lugares, principalmente em seis estados –Califórnia, Texas, Flórida, Nova York, Nova Jersey e Illinois–, onde residem 60% do total.

"Os mexicanos representaram cerca de três quartos do aumento do total da população hispânica"

## CRESCIMENTO DAS DIFERENTES NACIONALIDADES LATINO-AMERICANAS

A diversidade nacional é uma característica deste grupo, embora tenha sido ofuscada pela categoria de hispânico. Mas a população latino-americana persiste em se identificar antes de acordo com seu país do que pela categoria de latino. Os grupos tradicionais e majoritários têm sido os mexicanos, seguidos de longe por porto-riquenhos e cubanos, salvadorenhos e dominicanos. No entanto, cabe destacar um processo de diversificação, também nesta questão, mediante o qual a este fluxo migratório se incorporaram outras nacionalidades. Estes "novos latinos" experimentaram igualmente um grande crescimento, e com eles o aumento da diversidade do mundo latino, o que faz ainda mais questionável sua uniformização dentro do conjunto de latinos ou hispânicos.

Em relação aos grupos majoritários, o de origem mexicana foi e é o maior, representando 63% do total da população hispânica nos Estados Unidos. Este grupo aumentou em 54% e reportou a maior mudança numérica, crescendo de 20,6 milhões em 2000 para 31,8 milhões em 2010. Os mexicanos representaram cerca de três quartos do aumento de 15,2 milhões do total da população hispânica entre 2000 e 2010.

Por estados, representam o maior grupo hispânico em 40, com mais da metade destes estados nas regiões sul e oeste do país, dois no nordeste, e em todos os 12 estados das regiões do centro do país.

Os porto-riquenhos, o segundo maior grupo, constituíam 9% da população hispânica no ano 2010, abaixo dos 10% reportados em 2000. A população porto-riquenha aumentou em 36%, de 3,4 milhões para 4,6 milhões. Os porto-riquenhos foram o maior grupo hispânico em seis dos nove estados no nordeste e em um estado do oeste, o Havaí, com uma população de 44 mil.

A população de origem cubana aumentou em 44%, de 1,2 milhão em 2000 para 1,8 milhão em 2010. Os cubanos representaram aproximadamente 4% do total da população hispânica, tanto em 2000 como em 2010, e foram o maior grupo de origem hispânica na Flórida, chegando a 1,2 milhão.

Em relação a outras nacionalidades, como apontado, foram se diversificando, apesar de por razões de proximidade, sem dúvida os centro-americanos são os que adquiriram cada vez maior presença. Desde o ano 2000, três grupos de origem hispânica ultrapassaram 1 milhão de habitantes: salvadorenhos (1,6 milhão), dominicanos (1,4 milhão) e guatemaltecos (1 milhão).

Em 2010, o número de pessoas de origem salvadorenha (3% do total da população hispânica) aumentou de forma considerável entre 2000 e 2010, com um crescimento de 152%. No que

"A população latina passa a ter presença nacional e a ser um elemento estrutural da demografia americana"

diz respeito aos guatemaltecos, entre 2000 e 2010, tiveram um aumento considerável, de 180%, chegando a 2% do total da população hispânica em 2010.

Por sua vez, os hispânicos de origem sul-americana aumentaram sua presença de 1,4 milhão, em 2000, para 2,8 milhões em 2010, o equivalente a 105%. Esta população representou 5% do total da população hispânica em 2010[4].

De acordo com os dados demográficos assinalados, podem ser obtidas diferentes conclusões:

- Desde 2000, o censo evidencia o espetacular crescimento da população latina, tanto em imigração como em nascimentos, tornando-se a maior minoria do país.
- Desde 1970 há novos fluxos que aumentam o volume e a diversidade pré-existentes e que explicam este crescimento exponencial dos últimos anos.
- Também são verificadas novas tendências na distribuição desta população, por ela se estender de maneira gradual por todo o território americano, embora ao mesmo tempo os redutos tradicionais se consolidem. Com isso, a população latina passa a ter presença nacional e a ser um elemento estrutural da demografia americana[5].

## NIVEIS DE FORMAÇÃO E EXTRAÇÃO SOCIAL

Em termos gerais, boa parte da população imigrante tende a ocupar os degraus mais baixos da sociedade, ocupando postos de trabalhos menos qualificados e pior pagos, que a população nacional não deseja ocupar. Este é o caso da população latina, pois tradicionalmente representavam, em relação a outros grupos de imigrantes, menor nível de instrução, fator que se refletiu no maior grau de desemprego, rendas mais baixas e significativas taxas de pobreza.

No entanto, esta situação não é generalizada a toda a população latina, e diminui gradualmente, conforme as gerações seguintes vão sendo incorporadas ao sistema educacional. O mundo social latino também é diverso em formação, assim como em renda e situação laboral.

Não é de se estranhar que os imigrantes com uma longa estadia no país ou os latinos nascidos nos Estados Unidos tenham uma situação diferente da dos recém-chegados. A progressiva melhora da segunda geração e as anteriores, nascidas nos Estados Unidos, torna

[4] Todos os dados demográficos assinalados procedem do Censo de 2010, http://www.census.gov/prod/cen2010/briefs/c2010br-04sp.pdf.

[5] Sobre estes traços característicos, ver Mª Jesús Criado, "Imigração e população latina nos Estados Unidos: um perfil sociodemográfico", Instituto Complutense de Estudos Internacionais-Fundação Telefônica.

"Os cubanos, que têm a melhor posição em nível educacional"

possível que estas tenham maiores possibilidades de formação, o que se reflete em melhores salários. No entanto, os emigrantes salvadorenhos e guatemaltecos, além dos mexicanos, como já foi mencionado, são os que possuem pior formação de todas as minorias, e em consequência os que se situam, com diferença quanto aos outros grupos, nos segmentos sociais mais baixos. Nesta escala são seguidos pelos dominicanos, e depois por peruanos e equatorianos.

No outro extremo estão os cubanos, que têm a melhor posição em nível educacional e renda. Entre eles há uma grande proporção com formação em ensino médio e universitário. Nestes níveis de formação, seria preciso situar também os sul-americanos, como os colombianos. A diferença é que enquanto os cubanos teriam adquirido sua formação nos Estados Unidos, no caso sul-americano partem de uma boa formação adquirida em seus respectivos países, ao contrário dos caribenhos ou dos centro-americanos.

Não obstante, é necessário referir que, pese embora as melhorias registadas, os índices de insucesso e de abandono escolar antes de concluir o ensino secundário ultrapassam, no caso da população latina, os das restantes minorias.Esse aspecto redunda na imagem de uma parte da sociedade americana, para a qual estes dados confirmam um suposto desinteresse e inclusive incapacidade de superação pessoal. Sob esta imagem não estão incluídas as dificuldades e obstáculos trazidos pela marginalidade ou a pobreza. De fato, em muitas ocasiões este abandono escolar se deve à necessidade de trabalhar para obter recursos. No entanto, cabe insistir de novo na diferença para as segundas gerações, onde os resultados escolares e o nível de formação são maiores. Os piores resultados, não por acaso, estão nos grupos que chegaram mais recentemente, corroborando assim a precariedade das condições de vida destes setores de população imigrante e as limitações do sistema educacional para integrá-los.

No entanto, dentro deste grupo dos recém-chegados, deveriam ser diferenciados os *dreamers*, que apesar de serem jovens ilegais, têm boa formação, inclusive universitária. Em muitos casos, foram até estudar nos Estados Unidos e ficaram como ilegais quando seus vistos expiraram, e correm permanentemente o risco de serem deportados. O presidente Obama é muito ciente das contribuições que podem ser realizadas por estes jovens formados nos Estados Unidos e cujas iniciativas empresariais, por sua situação irregular, não poderão ocorrer no país, apesar dos benefícios que tais iniciativas podem fornecer à economia americana e a sua competitividade. Este grupo esta incluído na reforma pretendida pelo Presidente americano.

Além deste grupo em particular, a formação se reflete na posição

"É de particular interesse apontar a existência de uma pujante classe média"

social e nos salários. Com efeito, o perfil educacional ressaltado explica em boa parte que os imigrantes latinos se encontrem em setores ocupacionais e postos de trabalhos pouco qualificados. No entanto, eles não são o único grupo. Além da elite hispânica que conseguiu se estabelecer nos Estados Unidos e cujos nomes estão publicados nos ranking sobre os hispânicos mais influentes nos Estados Unidos[6], é de particular interesse apontar a existência de uma pujante classe média que progressivamente vai se fortalecendo e que corresponderia às segundas gerações, mais formadas e com mais qualificação.

Todos os fatores contemplados fazem pensar em uma mudança geral na população latina, mediante a qual cabe supor maiores possibilidades de qualificação e promoção social, como se pode verificar nos dez últimos anos. Esta suposição se baseia na diminuição da população imigrante, desde 2007, e no crescimento natural da população latina já instalada nos Estados Unidos. Trata-se de um grupo que conta com mais recursos e possibilidades de proporcionar formação a seus filhos e, portanto, de melhorar sua situação econômica e social. De modo que outros estereótipos que pesam sobre a população hispânica dos Estados Unidos tornam-se desmentidos pela realidade, já que ela não é só integrada por pessoas sem recursos e de pouca formação, recém-chegadas ao país, mas também por todo um universo socioeconômico, que segundo os casos faz tempo que está instalada no país.

## 3. O PODER DA COMUNIDADE LATINA EM SUA CONDIÇÃO DE CONSUMIDORES E ELEITORES

O crescimento quantitativo de magnitude espetacular desenvolvido por esta população e a progressiva melhora que sua situação social e sua capacidade aquisitiva estão experimentando as transforma em um centro de atenção prioritário para empresários e partidos. Há alguns anos, as reivindicações desta comunidade estão reconfigurando o mercado nacional, já que ela constitui um mercado real e potencial extraordinário, mas na mesma medida também obrigaram uma mudança nos conteúdos das agendas políticas, tanto do partido democrata, como do republicano.

Este interesse pela população latina, em geral, tornou mais presente os latinos na sociedade americana. Em outras palavras, as campanhas propagandísticas e eleitorais em busca de clientes e de eleitores, longe de a tornarem invisível, a deixam cada vez mais visível tanto para os latinos como para o idioma espanhol. Um aspecto que, no entanto, nem sempre ocorre a partir da administração estadual, já que em muitos estados se fomenta o *only english*, e não o bilinguismo.

[6] Ver revista Time em 2005.

"Não só contribuem para a economia nacional e geram empregos, mas, além disso, estão abrindo novos espaços de negócios aos tradicionais"

## OS EMPRESARIOS E EMPREENDEDORES LATINOS

As dimensões da comunidade latina não passaram despercebidas nem para os empresários latinos, nem norte-americanos, que observam um grande mercado que tende a se consolidar com o crescimento de uma classe média e jovem.

Um exemplo do dinamismo da sociedade latina é a evolução de seu setor empresarial, que desde os anos 90 experimentou um forte crescimento. A maioria das empresas hispânicas é de pequenas empresas cujo auge é notado não só em sua permanente contribuição para a criação de empregos, mas também no desenvolvimento de toda uma cultura empresarial hispânica que estimula a economia do país. "A maioria das empresas de hispânicos é pequena, e os pequenos negócios estão criando dois de cada três postos de trabalho nos Estados Unidos", conforme afirmou o presidente da Câmara de Comércio Hispânica (USHCC), Javier Palomarez. Além disso, ele acrescentou que enquanto os pequenos negócios declinaram e deixaram de criar novos empregos, entre 2008 e 2010, durante a crise, os hispânicos no mesmo período criaram 581.000 novos negócios. Em janeiro, o pequeno comércio acrescentou 46.000 dos 257.000 novos postos de trabalho no país, o que situou a taxa de desemprego geral em 5,7%, enquanto em latinos ela foi de 6,7%. Os hispânicos "são provavelmente uma das comunidades mais importantes na criação de trabalhos no país".

Não só contribuem para a economia nacional e geram empregos, mas, além disso, estão abrindo novos espaços de negócios aos tradicionais. Por outro lado, Palomarez indicou que, aos setores tradicionalmente impulsionados por empresários latinos, como construção, serviços, agricultura e transporte, se soma agora a indústria da tecnologia. A causa fundamental está relacionada com a idade média do empresário latino, que é de 26 anos, contra 43 da média geral. Segundo o empresário citado, "como somos mais jovens, temos um melhor domínio da tecnologia".

Esta versão é reiterada nos dados oficiais e nos diferentes representantes do empresariado latino. María Contreras-Sweet, diretora da Administração de Pequenos Negócios (SBA), que também ressalta o "crescimento e fortalecimento das empresas de propriedade de latinos", lembrou que mais de 3 milhões de latinos são donos de pequenos negócios no país e representam uma injeção para a economia de "500 bilhões de dólares anuais".

A isso é preciso acrescentar um aspecto de interesse, pois aponta que estas iniciativas favorecem o desenvolvimento de uma cultura especial empresarial, já que a comunidade latina está gerando suas próprias empresas, criando três vezes mais negócios que

"Se os latinos que residem aqui fossem considerados uma economia independente, esta seria a nona maior do mundo"

a média nacional. Novamente, a realidade se contradiz com o estereótipo que a sociedade americana possui da comunidade latina. Nem é uma comunidade integrada só por uma população com poucos recursos, nem carece de iniciativa, nem ambição. Estes dados definitivamente expressam uma imagem muito diferente da generalização da população imigrante hispânica, que supostamente carece de afã de superação e de ambição[7].

Prova desta diversidade é o exemplo da população mexicana, que apresenta sérios problemas de formação e sofre pior situação econômica do que outros grupos. No entanto, ao mesmo tempo, os empresários de origem mexicana são donos de muitos mais pequenos negócios nos Estados Unidos do que qualquer outro grupo de imigrantes neste país, segundo revelou um estudo divulgado pelo Instituto de Política Fiscal, em 2012[8]. De acordo com este relatório, "isto não deve ser uma surpresa, já que os mexicanos são a maior população imigrante do país, apesar desta não ser sempre a imagem que existe dos imigrantes como donos de negócios".

## CONSUMIDORES

Uma amostra da capacidade para progredir e da melhora no bem-estar desta comunidade é sua capacidade aquisitiva. A sociedade hispânica se tornou um motor chave para o consumo. Seu poder aquisitivo em 2010 foi fixado em um trilhão de dólares, e está previsto que, em 2015, atinja 1,5 trilhão de dólares. Se os latinos que residem aqui fossem considerados uma economia independente, esta seria a nona maior do mundo, um potencial muito presente para as companhias e os empreendedores americanos que se deram conta da importância de penetrar no mercado hispânico. À classe média, somam-se como consumidores um nutrido grupo entre ela e a população com poucos recursos, que também possui certa capacidade aquisitiva e que também é alvo de interesse para muitos empresários[9].

As possibilidades deste mercado obrigam os empresários a sofisticar suas formas de captação e a atender suas especificidades. Por esse motivo, dos anúncios publicitários iniciais traduzidos ao espanhol, fundamentalmente das companhias voltadas a transferir dinheiro, hoje em dia são analisadas as especificidades e demandas particulares do mercado latino.

Prova do interesse por este mercado e do desenvolvimento

[7] Os dados comentados estão em http://www.univisionsandiego.com/2015/02/13/la-cultura-empresarial-latina-impulsa-la-creacion-de-empleos-en-ee-uu/, 13/2/15.

[8] Relatório "Imigrantes donos de pequenos negócios. Uma importante e crescente parte da economia".

[9] Para uma caracterização do mercado latino, veja relatório Nielsen: State of the Hispanic Consumer: The Hispanic Market Imperative, http://www.nielsen.com/us/en/insights/reports/2012/state-of-the-hispanic-consumer-the-hispanic-market-imperative.html, 17/04/12.

"Não é de se estranhar este crescente interesse, se considerarmos as extraordinárias dimensões do eleitorado latino"

que está adquirindo é a busca dos objetos de consumo que são de especial predileção para estes consumidores. Não só isso, o interesse em captar estes novos clientes está obrigando que se pense também nos lugares e os entornos que mais os agradam. Isto explica a proliferação dos latinos malls, onde são selecionadas cuidadosamente marcas de roupa e tamanhos que correspondam aos gostos latinos[10].

## ELEITORES

Desde meados do século XX, detecta-se uma maior preocupação pelo eleitorado latino. No entanto, a campanha de Bill Clinton de 1996 é que representou um verdadeiro ponto de inflexão nas estratégias e mensagens dos democratas voltadas ao público latino[11]. A partir de então, nenhum candidato, democrata ou republicano, pôde evitar a população latina e ignorar suas preocupações. Muito pelo contrário, desejam captar sua atenção, e para isso se dirigem a eles diretamente em espanhol.

Não é de se estranhar este crescente interesse, se considerarmos as extraordinárias dimensões do eleitorado latino e seu progressivo crescimento. Dos 55 milhões de hispânicos, 17% da população dos Estados Unidos, 25,2 milhões têm direito ao voto. Este eleitorado está crescendo constantemente, de acordo com a juventude da população latina. Assim, "a cada mês, cerca de 50.000 jovens latinos que são cidadãos chegam à idade de 18 anos e entram nesse eleitorado potencial", segundo Arturo Vargas, diretor da Associação Nacional de Funcionários Latinos Eleitos e Designados. Este crescimento, segundo destacam os analistas, não está atado aos imigrantes recém-chegados, mas aos latinos de segunda e terceira gerações, que cresceram nos Estados Unidos com pais ou

[10] Neste sentido, tem todo seu interesse a existência de empresas que, por sua vez, assessoram as empresas norte-americanas para atrair o consumidor latino. Este é o caso do compromisso do empresário José de Jesús Legaspi, fundador da The Legaspi Company, que se dedica a estas iniciativas desde 1977 e que ensina aos fornecedores norte-americanos como se adaptar aos gostos do consumidor hispânico e a seus tamanhos. "Os hispânicos têm o pé menor. Os fabricantes americanos acreditam que eles não gostam de seus calçados porque não os compram, mas o problema é que não disponibilizam números pequenos, essa é a razão pela qual os consumidores hispânicos não adquirem seus modelos". Legaspi tenta fazer os comerciantes de Macy's, Marshall's e Forever 21 entender que os tamanhos dos latinos são menores e que, diferentemente do cliente americano, "eles gostam de comprar quando alguém os atende, quando lhes explicam como é o produto que vão comprar", explica Legaspi. "Trabalhamos com os fornecedores para que possam reconhecer intelectualmente como é o consumidor latino, para que logo eles mesmos possam desenvolver seu senso de mercadotecnia e sejam capazes de chegar melhor ao mercado hispânico", assinala.

[11] A redação do documento Latino Communications Strategy, 1994-1996, elaborado por Andy Hernández, e a criação de uma redação de onde se preparava todo o material destinado ao público hispânico (elaboração de dossiês de imprensa, briefings, notas e tradução de documentos) para o Comitê Democrata indica a importância que começava a adquirir, desde então, o voto hispânico.

"Um poder que poderia ser ainda maior se a participação do eleitorado latino fosse superior"

avôs latino-americanos e são cidadãos do país por nascimento.

De acordo com as dimensões deste eleitorado, não parece descabido, hoje em dia, pensar em um próximo Presidente dos Estados Unidos de origem hispânica. A princípio, ele já teria nascido e chegaria à presidência em 20 anos[12].

A importância deste eleitorado se faz mais evidente do que nunca pela centralidade que ocupa nas campanhas eleitorais. Cada partido possui um grupo ou escritório dedicado totalmente a esta população, mantêm sites e audições semanais em espanhol e têm extraordinário interesse em conseguir representantes latinos que se candidatem a cargos eletivos, já que é uma forma de atrair estes eleitores.

Além disso, as preocupações latinas estão presentes em seus discursos, os dois se propagandeiam como o destino natural dos votos hispânicos - uns, por sua tradicional defesa dos direitos das minorias; os outros, por encarnar os valores familiares e tradicionais que os hispânicos costumam se atribuir, e criticam e desprezam os esforços do lado contrário, ao qual acusam de colocar toda sua energia e recursos em uma pura campanha de marketing.

Esta concorrência é desenvolvida para a captação de votos em todo o país, pois a presença latina também está em sua extensão territorial, mas, além disso, adquire uma importância muito particular em determinados estados. Dos 50 estados da nação, realmente nove estão em disputa, os outros estão basicamente decididos porque mostram uma inclinação histórica muito acentuada para um partido ou outro. E, nesses nove, entre 15% e 20% dos eleitores são latinos. Trata-se de 3 milhões de votos, segundo detalhou Antonio González, presidente do Instituto William Velázquez. Em particular, o peso da principal minoria se fará sentir mais forte em Nevada, Colorado, Novo México e Flórida. Assim ocorreu na vitória de George W. Bush em 2004, e na de Obama.

Todos estes dados evidenciam o poder que o número de eleitores dá à comunidade latina, um poder que poderia ser ainda maior se a participação do eleitorado latino fosse superior. Embora crescente, o número de participação eleitoral é baixo, assim como o de pessoas elegíveis. Embora 11,2 milhões de latinos tenham votado nas eleições de 2012, eles apenas representaram 48% dos que podiam ir às urnas. Uma participação menor que em 2008, quando tinha sido de 49%.

[12] El País, 19/10/14, http://internacional.elpais.com/internacional/2014/10/19/actualidad/1413733870_041970.html, La República, 29/01/09, http://www.larepublica.pe/26-01-2009/aseguran-que-el-primer-presidente-hispano-de-eeuu-ya-ha-nacido.

"A influência hispânica é cada vez maior em toda a sociedade"

Quanto àqueles candidatos que aspiram ser eleitos, seu número, embora igualmente em crescimento, segue sem ser representativo em relação ao tamanho da comunidade latina. Embora as eleições de 4 de novembro de 2014 tenham tido como resultado a maior porcentagem de hispânicos (com 29 políticos no Congresso e três no Senado, o que constitui 8% dos membros do Congresso), está ainda muito longe de seu peso percentual na população americana.

No entanto, não só aumenta o número de cidadãos de origem hispânica com direito a voto, como também o de candidatos que aspiram ser escolhidos em todos os níveis da administração, seja local, estadual e até federal. "Um panorama que reforça a ideia de que, eleição a eleição, ano a ano, a influência hispânica é cada vez maior em toda a sociedade e, por que não, também na política"[13].

A recapitulação dos temas abordados não só evidencia o poder da comunidade latina por sua quantidade, mas também por sua capacidade:

- Sua capacidade aquisitiva crescente favorece a criação de um mercado específico, do qual participa muito ativamente o empresariado latino, em permanente crescimento. Como assim também o faz, consequentemente, uma classe média e profissional.
- A projeção política é mais lenta, embora em crescimento. O que não significa que esta comunidade seja, em qualquer caso, decisiva para os resultados eleitorais e, portanto, "objeto de desejo" para os partidos democrata e republicano.

## 4. CONCLUSÃO: A LATINO-AMERICANIZAÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS

Apesar dos dados expostos, há poucos anos, em inícios da década de 2000, existiam dúvidas sobre a sobrevivência da comunidade, como tal, e do espanhol, como símbolo fundamental de identidade. Os dados expostos nestas páginas e as iniciativas e progressos desta sociedade muito possivelmente tenham manifestado eles mesmos que esta possibilidade não parece mais possível. A afirmação do latino não tem volta e definitivamente se incorpora como um elemento estrutural à sociedade americana, com as mudanças que significa para esta sociedade.

De particular interesse é a dinâmica que despertou a população latina, pois recria e alimen-

[13] D. Ureña e I. Royo, "O papel do voto hispânico nas eleições de novembro nos EUA", ARI, 51/4014, Real Instituto Elcano. http://www.realinstitutoelcano.org/wps/portal/web/rielcano_es/contenido?WCM_GLOBAL_CONTEXT=/elcano/elcano_es/zonas_es/eeuu-dialogo+trasatlantico/ari51-2014-urena-royo-papel-del-voto-hispano-elecciones-de-noviembre-eeuu-2014#.VQAk9PmG9E4.

"Os aspirantes ao poder, que ao se dirigir a seus potenciais eleitores em espanhol estão fazendo presente um idioma e a normalização de seu uso"

ta de maneira contínua sua existência e relevância. Nesta dinâmica não só estão envolvidos os próprios latinos, mas boa parte do resto da sociedade. A ambição por captar consumidores e eleitores não faz mais que dar centralidade aos próprios latinos e ao espanhol. Portanto, além das vontades mais ou menos firmes desta comunidade de não abandonar suas tradições e sua língua, há uma dinâmica social espontânea, surgida da importância adquirida pelos latinos que também, de maneira decisiva, favorece esta latino-americanização dos Estados Unidos.

Este processo não deixa de se contradizer com a ideia de nação anglo-saxã uniformizada sob a assimilação cultural. Não parece muito realista manter, embora continuem a existir partidários, os processos de assimilação cultural que foram realizados com as ondas de imigrantes anteriores, pois tradicionalmente a diversidade de línguas foi considerada uma ameaça à unidade da nação. Motivo pelo qual as ondas de imigrantes anteriores como os alemães, italianos, ou poloneses perderam seu legado linguístico. Desde os anos 90, o empenho em estabelecer o *only english* fez com que metade dos estados tenham proibido o uso de outras línguas que não fossem o inglês em suas administrações. Esta mesma corrente também não considera o bilinguismo como uma solução, e também se chegou, em alguns estados, a proibir a educação bilíngue. Esta é uma posição que se contradiz, totalmente, com os próprios aspirantes ao poder, que ao se dirigir a seus potenciais eleitores em espanhol, além de realizar um gesto de deferência, estão fazendo presente um idioma e a normalização de seu uso.

Um uso que se faz obrigado inclusive para as próprias instituições governamentais, apesar das resistências, perante a demanda de serviços dos contribuintes latinos. Por isso, hospitais, bombeiros e forças de segurança fomentam ou promovem, de um modo ou outro, as habilidades linguísticas de seus membros[14].

Definitivamente, considerando a evidência da realidade e a generalização de uma visão multicultural, não parece que as posturas

[14] Os médicos do hospital Presbiteriano de Nova York, por exemplo, vinculado à universidade de Columbia e situado no coração de Washington Heights, foco de concentração dominicana, recebem ao ingressar um curso intensivo sobre termos e conhecimentos básicos relacionados com a área, formação que continuam em outros cursos ao longo do ano. No Texas, os agentes de polícia devem passar por um curso de espanhol, pago pela instituição, para obter o grau de suboficial. Em Phoenix (Arizona), em julho de 2002, teve início em um quartel de bombeiros o primeiro programa de imersão para aumentar a quantidade de membros bilingues. O processo afeta igualmente a esfera educativa. Em Dallas (Texas), cujo distrito escolar é mais da metade hispânico (57%), e cerca de 30% com limitações em inglês, se aprobaba, en octubre 2002, financiar con un millón de dólares la formación en español conversacional de los docentes con algún conocimiento previo de español.

"Para muitos observadores, 'o futuro dos Estados Unidos é hispânico'"

assimilacionistas tenham muito futuro. No entanto, isso não significa que apesar de os latinos serem eleitores, contribuintes e consumidores, a segregação e a discriminação também façam parte da realidade.

Sem dúvida, a existência da comunidade latina dependerá da vontade de seus membros de serem identificados como tal e querer preservar sua particularidade. Em qualquer caso, é evidente que possuem o poder necessário para se projetar como comunidade e ocupar um lugar importante na sociedade americana. Para muitos observadores, "o futuro dos Estados Unidos é hispânico"[15], e a realidade assim o põe em evidência. No entanto, nem tudo depende da população latina, também é preciso levar em conta até que ponto a sociedade americana está preparada para acolher, do ponto de vista econômico, político e cultural, esta população.

Desde 2013 está pendente a reforma migratória, quando então o Congresso aprovou com o voto de ambos partidos a revisão do sistema de imigração. No entanto, o processo não avançou por diferentes circunstâncias. Em uma tentativa de mudar esta situação e cumprir uma promessa eleitoral, desde janeiro deste ano o Presidente Obama decidiu iniciar uma reforma parcial mediante decretos presidenciais. Uma tentativa, por enquanto, já que no Poder Judiciário foi novamente bloqueada.

Todas estas dificuldades tornam ainda mais desejável sua solução. A importância desta reforma é indubitável, pois mediante a mesma se pretende regularizar a situação de 11 milhões de pessoas em situação irregular no país. No entanto, a reforma, embora agora pareça a solução para todos os problemas, não seria suficiente. Mesmo sendo aprovada em sua totalidade, continuaria pendente a integração dos 50 milhões de latinos que vivem nos Estados Unidos. Para isso, sem dúvida, devem ser estabelecidas pontes de diálogo e conhecimento mútuo, fora de prejuízos simplistas. Para esta integração é necessário o desenvolvimento de um diálogo entre compatriotas que devem se conhecer e se reconhecer como tais. Para isso, os latinos e seus filhos deverão continuar aprendendo inglês e conhecendo a história dos Estados Unidos. Mas, ao mesmo tempo, a maioria branca deverá aprender a viver em um mundo diverso, como é sua própria realidade nacional, onde terão que considerar as perspectivas de seus compatriotas de língua espanhola[16]. Portanto, o desafio não só está presente para a população latina, mas para a sociedade americana em seu conjunto.

[15] Daniel Ureña, "O futuro dos Estados Unidos será Hispânico", 20/03/2014, http://www.elmundo.es/opinion/2014/03/20/532b5084268e3eb20a8b458d.html.

[16] Para esta proposta de integração, W. Carrigan y C. Webb, "A reforma da imigração e a história hispânica nos Estados Unidos", 1/03/15, http://internacional.elpais.com/internacional/2015/03/01/actualidad/1425166727_525835.html

# LLORENTE & CUENCA

## DIREÇÃO CORPORATIVA

José Antonio Llorente
Sócio Fundador e Presidente
jallorente@llorenteycuenca.com

Enrique González
Sócio e CFO
egonzalez@llorenteycuenca.com

Jorge Cachinero
Diretor Corporativo de Inovação
jcachinero@llorenteycuenca.com

## DIREÇÃO ESPANHA E PORTUGAL

Arturo Pinedo
Sócio e Diretor Geral
apinedo@llorenteycuenca.com

Adolfo Corujo
Sócio e Diretor Geral
acorujo@llorenteycuenca.com

## DIREÇÃO AMÉRICA LATINA

Alejandro Romero
Sócio e CEO para a América Latina
aromero@llorenteycuenca.com

Luisa García
Sócia e CEO Região Andina
lgarcia@llorenteycuenca.com

José Luis Di Girolamo
Sócio e CFO América Latina
jldgirolamo@llorenteycuenca.com

## DIREÇÃO RH

Antonio Lois
Diretor de RH para América Latina
alois@llorenteycuenca.com

Daniel Moreno
Gerente de Recursos Humanos
para Espanha e Portugal
dmoreno@llorenteycuenca.com

## ESPANHA E PORTUGAL

### Barcelona

María Cura
Sócia e Diretora Geral
mcura@llorenteycuenca.com

Muntaner, 240-242, 1º-1ª
08021 Barcelona (Espanha)
Tel. +34 93 217 22 17

### Madrid

Joan Navarro
Sócio e Vice-presidente
de Assuntos Públicos
jnavarro@llorenteycuenca.com

Amalio Moratalla
Sócio e Diretor Sénior
amoratalla@llorenteycuenca.com

Lagasca, 88 - planta 3
28001 Madrid (Espanha)
Tel. +34 91 563 77 22

### Lisboa

Madalena Martins
Sócia
mmartins@llorenteycuenca.com

Tiago Vidal
Diretor Geral
tvidal@llorenteycuenca.com

Carlos Ruiz
Diretor
cruiz@llorenteycuenca.com

Rua do Fetal, 18
2714-504 S. Pedro de Sintra
Tel: + 351 21 923 97 00

## MÉXICO, AMÉRICA CENTRAL E CARIBE

### México

Juan Rivera
Sócio e Diretor Geral
jrivera@llorenteycuenca.com

Av. Paseo de la Reforma 412, Piso 14,
Col. Juárez, Del. Cuauhtémoc
CP 06600, México, D.F.
(México)
Tel: +52 55 5257 1084

### Panamá

Javier Rosado
Sócio e Diretor Geral
jrosado@llorenteycuenca.com

Av. Samuel Lewis.
Edificio Omega - piso 6
Panamá
Tel. +507 206 5200

### Santo Domingo

Alejandra Pellerano
Diretora Geral
apellerano@llorenteycuenca.com

Av. Abraham Lincoln 1069
Torre Ejecutiva Sonora, planta 7
Santo Domingo
(República Dominicana)
Tel. +1 809 6161975

## REGIÃO ANDINA

### Bogotá

María Esteve
Diretora Geral
mesteve@llorenteycuenca.com

Carrera 14, # 94-44. Torre B – of. 501
Bogotá (Colômbia)
Tel: +57 1 7438000

### Lima

Cayetana Aljovín
Gerente Geral
caljovin@llorenteycuenca.com

Av. Andrés Reyes 420, piso 7
San Isidro. Lima (Peru)
Tel: +51 1 2229491

### Quito

Catherine buelvas
Diretora Geral
cbuelvas@llorenteycuenca.com

Avda. 12 de Octubre N24-528 y
Cordero – Edificio World Trade
Center – Torre B - piso 11
Quito (Equador)
Tel. +593 2 2565820

## AMÉRICA DO SUL

### Buenos Aires

Pablo Abiad
Sócio e Diretor Geral
pabiad@llorenteycuenca.com

Enrique Morad
Presidente Conselheiro
para o Cone Sul
emorad@llorenteycuenca.com

Av. Corrientes 222, piso 8. C1043AAP
Ciudad de Buenos Aires
(Argentina)
Tel: +54 11 5556 0700

### Rio de Janeiro

Yeray Carretero
Diretor Executivo
ycarretero@llorenteycuenca.com

Rua da Assembleia, 10 - Sala 1801
Rio de Janeiro - RJ - 20011-000
(Brasil)
Tel. +55 21 3797 6400

### São Paulo

Juan Carlos Gozzer
Diretor Geral
jcgozzer@llorenteycuenca.com

Rua Oscar Freire, 379, Cj 111,
Cerqueira César
São Paulo - SP - 01426-001
(Brasil)
Tel. +55 11 3060 3390

### Santiago de Chile

Claudio Ramírez
Sócio e Gerente Geral
cramirez@llorenteycuenca.com

Magdalena 140, Oficina 1801.
Las Condes.
Santiago de Chile (Chile)
Tel. +56 2 24315441

**Web corporativa**
www.llorenteycuenca.com
**Desenvolvendo Ideias**
www.desarrollando-ideas.com

**Revista UNO**
www.revista-uno.com.br
**Twitter**
http://twitter.com/llorenteycuenca

**YouTube**
wwwyoutube.com/LLORENTEYCUENCA
**LinkedIn**
www.linkedin.com/company/llorente-&-cuenca

**Facebook**
www.facebook.com/llorenteycuenca
**Slideshare**
www.slideshare.net/LLORENTEYCUENCA

d+i desenvolvendo ideias
LLORENTE & CUENCA

**Desenvolvendo Ideias** é o Departamento de Liderança através do Conhecimento da LLORENTE & CUENCA.

Porque estamos testemunhando um novo modelo macroeconômico e social. E a comunicação não fica atrás. Avança.

**Desenvolvendo Ideias** é uma combinação global de relacionamento e troca de conhecimentos que identifica, se concentra e transmite os novos paradigmas da comunicação a partir de uma posição independente.

Porque a realidade não é preta ou branca existe **Desenvolvendo Ideias** na LLORENTE & CUENCA

**www.desarrollando-ideas.com**
**www.revista-uno.com.br**